

SUICÍDIO E VULNERABILIDADE SOCIAL: JOVENS NEGROS E OS LETRAMENTOS DE REEXISTÊNCIA NA ESCOLA PÚBLICA DO ENSINO MÉDIO

Rosilda Maria de Queiroz da Cruz Nunes¹

Resumo: Este artigo objetiva refletir sobre os entraves e ações presentes no contexto de luta e enfrentamento ao suicídio, frente à família, gestão escolar e professor dos jovens que vivem em situação de vulnerabilidade social na escola pública do ensino médio. Logo, a importância de proporcionar e valorizar propostas pedagógicas que estimulem, potencializem e incentivem os alunos a descreverem suas narrativas de vida, experiências sociais e escolares através da leitura, da escrita de si, produção de vídeo, arte, música, danças, ao longo das conversas nos corredores, o encontro na biblioteca e outras atividades como dispositivo de construção da identidade positiva. Este estudo se configura como uma das etapas de construção da tese de doutorado, na qual apresenta como problemática; de que maneira as escolas públicas do ensino médio vêm construindo estratégias pedagógicas de enfrentamento frente ao suicídio e/ou, à ideação suicida dos estudantes? A seguinte pesquisa se configura fundamentada na metodologia atrelada à abordagem qualitativa, diante dos estudos de Ludke, & André, Marli (1986). No que tange aos resultados preliminares, estamos em fase de levantamento bibliográfico a respeito da problemática dos desafios e ações do combate ao suicídio no ambiente escolar, e na identificação das principais propostas pedagógicas e os letramentos de reexistência que vêm contribuindo para o enfrentamento do problema em questão. Buscamos, assim,

¹ Formada em Psicologia (UNEB), Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-crítica/UNEB), Linha de pesquisa Letramento Identidade e Formação de Professores. Orientadora: Maria Anória de Jesus Oliveira. Endereço eletrônico: rosilda43nunes@gmail.com.

pautar as principais estratégias e mecanismos de prevenção ao suicídio na comunidade escolar da educação básica.

Palavras-chave: Suicídio. Narrativas de si. Letramentos de reexistência.

INTRODUÇÃO

O suicídio na sociedade contemporânea é um problema de saúde pública segundo o MINISTÉRIO DA SAÚDE (2018). A elevação da taxa de suicídio entre os jovens negros no Brasil abre caminhos para alargar as discussões a respeito dos efeitos do racismo, da necropolítica, vulnerabilidade social entre outros, na sociedade e nas instituições privadas e públicas que atravessam a vida desse grupo marginalizado, e no qual promove diferentes formas de adoecimento e desejo de morte. Dessa forma, observa-se a urgência de pesquisar o tema suicídio atrelado à questão dos grupos marginalizados, ou seja, aqueles que vivem em situação de vulnerabilidade social, em que a dinâmica de vida é marcada e atravessada por uma política de morte controlada pelo poder hegemônico (MBEMBE, 2016). De acordo com o Ministério da Saúde o suicídio é um “ato deliberado executado pelo próprio indivíduo, cuja intenção seja a morte, de forma consciente e intencional, usando um meio que acredita ser letal” (MS, 2018, p. 6).

Nessa conjuntura, refletir o tema suicídio num panorama envolvendo os desdobramentos dos efeitos do racismo, das questões socioeconômicas, históricas, culturais e políticas nos leva a refletir a magnitude desse problema, e, assim apresentar possibilidades de se produzir dispositivos de emancipação à vida dos estudantes do ensino médio da escola pública, que sofrem com a perda de sentido de vida. Nessa configuração, as narrativas de si

se apresentam no lugar estratégico à construção, fortalecimento e autoconfiança da pessoa em processo de adoecimento psicoemocional e afetivo. Desse modo, Josso (2006) aborda que:

Todos os relatos de histórias de vida, sem exceção, apresentam-se como uma sucessão ou uma co-habitação de buscas que valorizam aspectos particulares da existência: a felicidade, os conhecimentos sobre o mundo, o conhecimento de si e dos outros, a pesquisa de vínculos férteis, o sentido da vida, e, finalmente, o desenvolvimento de uma melhor acuidade de nossa capacidade de observação ou dito de outro modo de nossa atenção consciente (JOSSO, 2006, p. 34).

Desse modo, este estudo se propõe compreender uso das narrativas e autobiografia de si na condição e meio de fortalecimento e autoconhecimento à vida dos jovens negros da escola pública do ensino médio em São Sebastião do Passé/BA. Verifica-se que os diferentes modos de adoecimento do estudante em estado de vulnerabilidade social no contexto atual se movimentam e é expresso por dimensões diversas nas relações afetivas, emocionais, culturais e sociais em seu cotidiano. Sendo assim, o discurso, a linguagem, a escuta e o sentimento sensível, comportamento, atitudes relacionais saudáveis entre outros são marcadores que podem produzir experiência positiva e auxiliar na investigação sobre o estado emocional e afetivo, no qual os discentes se encontram em sala de aula.

É importante valorizar e se apropriar do espaço escolar como canal de acesso através do trabalho pedagógico estratégico sustentado na escuta e no olhar sensível em sala de aula, alicerçado no campo dos letramentos de reexistência. Este trabalho de tese de doutorado em processo de andamento se sustenta em um modelo metodológico qualitativo incorporado ao campo da educação, conforme os estudos de LUDKE, Marli E. D. A. ANDRÉ, (1986), e também alicerçada aos trabalhos de REY (2005), numa

discussão que envolve a pesquisa qualitativa e subjetividade como meio de melhor investigar os aspectos que envolvem a realidade subjetiva dos alunos da escola pública.

De acordo com Pedreira (2015), a escrita de si se configura como mecanismo à arte da vida e no desenvolvimento de produção da escrita literária, essa ação trás para a cena cotidiana da sala de aula as vivências e experiências dos estudantes. Para Delory-Momberger (2012, p. 39) pela narrativa o ser humano torna-se “os próprios personagens de suas vidas e dão a elas uma história”. As narrativas e a escrita de si culminam e proporcionam o lugar “terapêutico” em sala de aula, diante da exposição e exploração dos dispositivos de formação presentes na conjuntura das vivências dos discentes e docentes. Logo, essas realidades transformam-se em armas potentes, que se deslocam através da linguagem, escrita e do discurso que vão trazer para superfície, para o palco da sala de aula; as narrativas silenciadas, as dores, o olhar triste, o comportamento tímido, a autoestima baixa e o desejo suicida. Através dessa via de acesso, os professores se inserem nesse contexto como protagonistas da sua prática pedagógica, e, assim diante dessas ações conjunturais, dos letramentos de reexistência e empoderamento as armas de luta tornam-se disparadores à arte da vida dos subalternos (SOUZA, 2011; PEREIRA, 2005).

A arte de re/criar caminhos pedagógicos estratégico em sala de aula, no uso dos letramentos de reexistência como ferramenta à da arte à vida dos alunos do ensino médio, é um desafio para a educação contemporânea, desse modo, esse contexto supracitado convida os professores a ensinarem e a transgredir esses desafios contemporâneos (hooks, 2013). Uma transgressão que se for aplicada na renovação das práticas pedagógicas dos professores à condução da arte à vida dos estudantes em situação de vulnerabilidade social irá proporcionar uma gama de benefícios.

Essa realidade assinala alguns eixos de aberturas para se discutir os elementos estruturais ocultos que promovem à “morte” dos jovens negros, e, também é uma maneira de re/pensar a importância das narrativas e autobiografia de si como mecanismo re/existência, que conduzem para o fortalecimento da subjetividade e identidade dos jovens negros (SOUZA, 2011).

A roupagem no uso das narrativas autobiográfica de si promove um movimento significativo na escrita literária, na qual se apresenta perante as posturas marcadas pelo deslocamento autocrítico, que configura uma ferramenta moderna na esfera de análise da linguística e escrita literária. Na construção do trabalho pedagógico em sala de aula o aluno torna-se autor da sua obra, ele pode recontar sua história cultural num viés da descolonização, logo, oferecer novos sentidos de vida à construção da sua identidade racial. Conforme os estudos de Delory-Momberger (2012) é importante observar essas narrativas numa conjuntura de sentido antropológico no qual “remete a uma das dimensões constitutivas da experiência humana: a capacidade que tem o ser humano de configurar narrativamente sua existência e de biografar sua experiência singular do mundo histórico e social” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 17). A costura e a conexão de rede dessas ações irão favorecer ao combate das diferentes formas de adoecimento dos estudantes, e, assim fomentar a luta de prevenção cotidiana em sala de aula contra o desejo de morte e o suicídio.

1 DO SILÊNCIO À LUTA DO SUICÍDIO NO AMBIENTE ESCOLAR

Diante do avanço dos casos de suicídio na infância, adolescência e na juventude nos últimos tempos no Brasil, nesse sentido é importante proporcionar diálogos a respeito da problemática que envolve o tema suicídio na comunidade escolar.

O ato suicida se constitui por vias de multicausalidade, segundo a MS (2018, p.4), o suicídio é “um fenômeno social presente ao longo da história da humanidade associado a uma série de fatores psicológicos, culturais, morais, socioambientais, econômicos, entre outros”. Nessa perspectiva, é relevante investigar as circunstâncias e motivos que levam essas pessoas a tirarem a própria vida (BERTOLOTE, 2012). Para tanto, essa experiência aplicada na educação possibilita melhor construção de ações estratégicas ao combate aos possíveis elementos que desencadeiam as diferentes formas de adoecimentos à vida desses indivíduos subalternos.

Segundo Bertolote (2012. p. 68) numa “linguagem técnica o suicídio é um comportamento multifatorial e multideterminado resultante de uma complexa teia de fatores de risco e de fatores protetores que interagem de uma forma que dificulta a identificação de cada um deles”. Os fatores predisponentes estão interrelacionados a questão genética ou genótipos, como certos traços de personalidades, já os fatores precipitantes caminham pela via das perdas significativas; emprego, posição social, honra, rupturas amorosas e afetivas ou situação de humilhação (BERTOLOTE, 2012). Nesse estudo, não vamos aprofundar a discussão sobre os fatores predisponentes e os precipitantes, já que para a construção deste trabalho busca-se da ênfase aos elementos no qual desencadeiam conhecer os elementos de promoção e prevenção à vida.

O suicídio é um fenômeno complexo no qual apresenta dimensões multideterminadas e tabus no contexto social (MINAYO, 2006; WHO, 2019). De acordo com Shneidman (1984), o suicídio é um “problema de todos”, logo cabe a toda a sociedade se movimentar na luta cotidiana a favor da vida. Sendo assim, a WHO (2019) publicou uma série de diretrizes para que permeiem na prevenção da autodestruição da vida no campo científico e clínico,

essas diretrizes ao longo do tempo são atualizadas. Nesse sentido, olhar a comunidade escolar como eixo e canal de apoio à promoção, prevenção e valorização à vida dos estudantes que vivem em situação de vulnerabilidade social. De acordo com Busso (2001) vulnerabilidade:

[...] tem como potencialidade contribuir para identificar indivíduos, grupos e comunidades que por sua menor dotação de ativos e diversificação de estratégias estão expostos a maiores níveis de risco por alterações significativas nos planos sociais, políticos e econômicos que afetam suas condições de vida individual, familiar e comunitária (BUSSO, 2001, p.25).

Na sociedade atual refletir sobre as ações pedagógicas em que a escola pode desempenhar na constituição e formação de atitudes que promovam práticas estratégicas de combate ao suicídio é relevante, como forma de quebrar o silêncio sobre esse tema. Para WHO (2019), faz-se necessário desenvolver procedimentos na luta a favor da vida que englobe a saúde mental dos profissionais em educação, além de fornecer informações e dados sobre instituições públicas e privadas no qual fomenta discussão sobre o tema, para assim prevenir contra o bullying, fortalecer a autoestima e gerar combustíveis saudáveis o fortalecimento afetivo e emocional dos discentes.

Acionar mecanismos que envolvam a comunicação, formação e a abertura de acesso a outros profissionais de áreas afins no campo da saúde e no espaço escolar corroboram para o desenvolvimento atividades conjunturais de prevenção ao suicídio, além também de que esse trabalho contribui para evitar o fenômeno do suicídio por contágio e imitação. A frequência do aumento dos casos de adoecimentos emocional, afetivo na comunidade escolar produz um sentimento de vulnerabilidade e

incapacidade, muita das vezes, por parte de muitos profissionais da área da educação.

Por pesquisar o tema suicídio, e estar frequentemente em contato com os problemas presentes no ambiente escolar, enquanto professora, observo o grau da urgência em o Estado construir políticas públicas plausíveis no cenário biopsicossocial e condições de trabalho que possam desencadear encaminhamento aos serviços de educação integrada para os estudantes, numa esfera plural e singular. Também, é imprescindível aos profissionais de educação se imbuir de práticas de ensino que possam transgredir os muros da cegueira e da falta de fome em si tornar um profissional pesquisador da sua própria prática de ensino, numa lógica multiplicadora de vida, autoconhecimento, amor e respeito.

É importante levar em conta que os alunos chegam à escola carregados de problemas trazidos dos ambientes familiares, e que esses são incorporados a outros problemas produzidos nas relações cotidianas da escola (MACHO, 2021). Re/pensar mecanismo produzidos na comunidade escolar que impulse uma prática pedagógica mais sensível à realidade dos discentes, no que tange um ensino que vai além do ensinar conteúdos programáticos, essa questão vem sendo um desafio à escola contemporânea.

Nessa perspectiva, é relevante re/pensar o espaço escolar como ambiente estratégico para fins de ampliação do campo de pesquisa e discussão a respeito dos principais caminhos de prevenção ao suicídio (MATUOKA, 2017). A aplicação de atividades em sala de aula sobre as narrativas ou a autobiografia de si favorecem aos alunos adentrarem e experimentarem o estado de existir e de se conectar com a sua história individual e a história do outro, esses dispositivos fecundam na compreensão,

autoconhecimento e acolhimento de si. Logo, esse empreendimento conduz e tece vias de acesso as suas memórias, na qual o conduz a autodescoberta. Diante desse leque de diálogos e em favor da vida pode-se refletir o papel das narrativas e autobiografias de si como caminho que renova e direciona a utilização da “pedagogia terapêutica” por novas direções a serem exploradas no cotidiano da escola, frente aos estudantes marginalizados.

2 DEFININDO AS NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS E A “PEDAGOGIA TERAPÊUTICA”

O ato e a experiência de narrar conduz o ser humano a tecer a vida, ter contato, encontro e conexão com sua história individual e plural. Nessa trilha as janelas da memória são ativadas de maneira a possibilitar o indivíduo a experimentar um processo consciente e inconsciente das causas e consequências das situações no qual envolvem os conflitos e situações adversas de sua própria vida. Logo, as narrativas e autobiografia de si tem o papel de deslocar a pessoa à experiência de re/existir de forma a compreender, acolher e ressignificar sua história e a si mesmo, ao longo da passagem dos acontecimentos relacionados aos aspectos afetivos e emocionais entre outros. Para Delory-Momberger (2012) as narrativas têm papel de:

Transforma os acontecimentos, ações e as pessoas do vivido em episódios, em enredos e em personagens, ordena os acontecimentos no tempo e constrói entre eles relações de causa, de consequências, de fim, dando, assim, um lugar e um sentido ao ocasional, ao fortuito ao heterogêneo (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 39).

Compreender a importância do papel das narrativas de si na organização e reorientação dos fatos, que atravessam a vida do ser

humano configura o deslocamento de novos sentidos para a formação e reconfiguração da subjetividade e identidade da pessoa. A construção biográfica no cenário da educação produz implicações significativas nos andamentos das atividades em sala de aula, como meio de potencializar a vida do sujeito através da compreensão e apreensão da sua própria história. Assim, (JOSSO, 1988, p.43) relata que; [...] “a narrativa articula períodos da existência que reúnem vários ‘factos’ considerados formadores”. O movimento das narrativas de si em direção a práticas “pedagógicas terapêuticas” apresenta-se como eixo de apoio na luta contra aos problemas de cunho emocional e afetivo.

Nesse panorama, biografização ganha espaço de diálogo na condução das atividades de projetos pedagógicos. O fato biográfico se insere nesse cenário como elemento que “[...] consiste na ação de escrever (grafar) a narrativa de sua própria história de vida (autobiografia) e ou a história de vida de outrem (biografia)” (PASSEGGI, 2011, p. 15). O biográfico é “aquela imagem do eu experienciado, mas ainda não compreendido entre a singularidade e a socialização, entre o eu e aquilo que me aconteceu” (RÖWER; CUNHA; PASSEGGI, 2015, p. 28), assim essa reflexão promove a descoberta da história oculta ou a narrativa silenciada do sujeito.

Já a educação terapêutica ou a chamada terapia social, por alguns teóricos abrange os campos da pedagogia, psicologia e da medicina, e, assim a educação terapêutica tem como essência construir estratégias de proteção e cuidado para com a vida. Conforme Junior, Laura, Land (2015), o cuidado extravasa a dimensão pedagógica, frente a essa realidade refletir a respeito da “pedagogia terapêutica” e suas formas de exploração neste estudo perpassam por vias de construção e promoção de uma proposta que fomente a ampliação de cenários de debates críticos, como forma de alargar o campo de definição, discussão e utilização da

“pedagogia terapêutica” numa perspectiva renovadora frente ao seu conceito numa conjuntura emocional e afetiva.

A utilização dinâmica da prática envolvendo a “pedagogia terapêutica” promove a construção de projetos terapêuticos coletivos Junior, Laura, Land (2015), e essas atividades em sala de aula aproximam os estudantes de suas demandas e problemas presentes em suas. Escrever a respeito de trabalhos pedagógicos inovadores que promovam a saúde mental e coletiva dos discentes é desafiador à comunidade escolar, porém necessário quando na contemporaneidade nos deparamos com realidades tão difíceis no cotidiano de vida dos estudantes em situação de vulnerabilidade social nas escolas públicas, por exemplo, casos de alunos, que têm o desejo e sentimento suicida.

Nesse campo de discussão, as práticas pedagógicas transgressoras (hooks, 2013) as atividades estratégicas; uso da arte, música, escrita de si, autobiografia, leitura, oficina e discussão de textos que se aproximem da realidade dos discentes tornam-se instrumento eficaz e socializador. Nesse rol de uso e aplicação de atividades pedagógicas o desenvolvimento da escuta, do olhar e sentimento sensível dos professores corroboram para desenvolver a saúde mental coletiva e a prevenção do suicídio em sala de aula.

Sendo assim, falar de “pedagogia terapêutica” transformadora é trazer a questão da importância de formação de professores que perpassem pelo crivo da linha terapêutica, numa configuração rizomática, já que ao mesmo tempo em que o professor é formado ele também se torna formador. Logo, apreender novos conhecimentos é se colocar no cenário de vias e possibilidades de re/criar situações que promovam contágio e imitação positiva de ações, frente aos problemas presentes no ambiente. Essas vias podem ser vistas numa direção rizomática na

qual favorece a construção da autoestima e autoconfiança dos estudantes.

Observa-se diante das discussões supracitadas a necessidade de ampliar o campo de definição da “pedagogia terapêutica” relacionado às trilhas dos letramentos de reexistência. Logo, as ações pedagógicas sendo fundamentadas ao cuidado da pessoa no contexto plural e singular, e numa perspectiva sustentada e articulada em práticas de formação; conjuntural, dialética e crítica.

3 NARRATIVAS E AUTOBIOGRAFIA DE SI: ARMA DE COMBATE AO SUICÍDIO

Essa pesquisa nasce da possibilidade de olhar o ambiente escolar como local estratégico para refletir e discutir a respeito da construção de estratégias e ações pedagógicas coletivas, que promovam desdobramentos eficazes na luta contra as formas de adoecimentos emocionais e afetivos dos estudantes no cotidiano escolar. Além, de ampliar o debate sobre a necessidade de formação dos profissionais em educação no cenário atual, que envolva a mecanismos contra doenças emocionais e afetivas que levam os estudantes ao desejo e sentimento de morte.

Situar as narrativas de si na condição e lugar de autoconhecimento e fortalecimento da identidade e subjetividade dos jovens negros subalternos é uma abertura de janelas para contribuir a discussão do papel das narrativas e autobiografia de si na educação, no viés de condução dos alunos apreenderem sua história de vida numa perspectiva geradora de ressignificação das narrativas de si (DELORY, 2012). A experiência narrativa e autobiográfica acumulativa produz dispositivo da arte à vida, visto que no processo de narração do ser humano toma forma e

consciência dos acontecimentos que atravessam sua história. Essa ação articulada com outros elementos proporciona, segundo (Josso, 1988, p. 44), “uma reorientação na sua maneira de se comportar e/ou na sua maneira de pensar o seu meio ambiente e/ou de pensar em si através de novas atividades”.

Para Bessa (2021) é comum alguns estudantes externarem em seus comportamentos e atitudes no dia a dia na escola os conflitos e desafios familiares, sociais, emocionais e afetivos que atravessam sua vida. A situação de vulnerabilidade social e a política de morte, que cerca o contexto de mundo desses indivíduos acarreta o acúmulo de adoecimentos, no qual ao longo do tempo impulsiona o desejo de morte e o ato suicida. Logo, a importância de refletir sobre as implicações e impactos da aplicabilidade das narrativas de si na sala aula como uma proposta transgressora. As narrativas de si nesse contexto se configuram no lugar estratégico à construção, autoestima, fortalecimento e autoconfiança da pessoa em processo de adoecimento psicoemocional e afetivo. Segundo Josso (2006), as histórias de vida se movimentam da seguinte forma:

Todos os relatos de histórias de vida, sem exceção, apresentam-se como uma sucessão ou uma co-habitação de buscas que valorizam aspectos particulares da existência: a felicidade, os conhecimentos sobre o mundo, o conhecimento de si e dos outros, a pesquisa de vínculos férteis, o sentido da vida, e, finalmente, o desenvolvimento de uma melhor acuidade de nossa capacidade de observação ou dito de outro modo de nossa atenção consciente (JOSSO, 2006, p. 34).

Assim, questionar-se diante de algumas indagações; quais possíveis caminhos estratégicos das narrativas de si em sala de aula no combate a política de morte dos jovens negros na atualidade? Em quais direções pode-se discutir sobre o papel da “pedagogia terapêutica” no campo dos letramentos de reexistência e

empoderamento, no que tange os fatores emocionais e afetivos? E por fim, de que modo podemos refletir e ampliar o papel das práticas pedagógicas numa perspectiva de ações preventivas ao desejo e sentimento de morte?

Narrar é um ato que movimenta o indivíduo à experiência do existir e sentir-se, essa ação desloca o ser humano para a cena do sentimento de acolhimento e conexão sobre a compreensão e descoberta reflexiva e crítica da sua história. Produzir narrativas livres, e narrativas científicas é tecer caminhos de autodescoberta da realidade cultural, política, socioeconômica que envolve o contexto relacional da pessoa. A literatura de Grada Kilomba (2019) apresenta numa visão conjuntural a importação da narração para melhor compreender os efeitos dos sequestros históricos e culturais. Na obra a autora escreve sobre os impactos do racismo na acumulação de adoecimentos e desejo de morte na vida da pessoa que vive no cotidiano; agressão e violência simbólica. Sendo assim, narrar é um ato de protesto e de denúncia do mundo a sua volta, ato que proporciona e convoca sentimento de escuta e sensibilidade, força, encontro e resignificação existencial.

Dentro dessa realidade, a narrativa científica produz mecanismo de acesso para a pessoa melhor se apropriar do texto científico, e, assim refazer sua escrita, leitura e interpretação numa conjuntura crítica e proximal com sua realidade. De acordo com, Barthes (1988, p. 68-69) o texto é “um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original: o texto é um tecido de citações”, ou seja, a conjuntura linguística literária que se desloca no mundo do sujeito leitor no qual possibilita posicionamento político e crítico, frente às discursos e leitura de uma obra, ou seja, fomenta as relações semióticas, produção de sentidos e representações, diante dos objetos de arte apresentados na literatura.

O texto científico atravessa a escrita narrativa da pessoa, logo, a importância e cuidado e autoconsciência da forma como a escrita e interpretação dos conteúdos políticos, culturais e sociais se acumulam na memória dos estudantes, e atravessam suas narrativas de vida, de maneira negativa. A evolução da história literária e seu desdobramento no contexto do tempo e do espaço, ou seja, pensar que cada leitor traz experiência cultural, política, valores sociais e outros diante da leitura de um determinado texto são aspectos responsáveis por novas ressignificações e sentidos da leitura de um texto. Barthes (1988) expõe que:

Um texto é feito de escrituras múltiplas, saídas de várias culturas e que entram umas com as outras em diálogo, em paródia, em contestação; mas há um lugar em que essa multiplicidade se reúne, e esse lugar não é o autor, como se disse até o presente, é o leitor (BARTHES, 1988, p. 70).

Nesse contexto, para Barthes “o texto é um tecido de citações” inserido em um campo múltiplo de culturas. A leitura do texto com o olhar dirigido e encerrado naquilo que o autor tende a oferecer na escrita representa condições de limitações interpretativas e de análise para a significação ampla da obra, ou seja, promove a finalização a ela. Sendo assim, a relevância do professor em sala de aula se apropriar de ferramentas e diálogos plausíveis no uso dos textos que irão fomentar as discussões prévias de um terminado tema. Além de refletir que as escolhas dos textos para uso em sala de aula é uma atitude primordial no combate as mazelas dos adoecimentos. O uso do texto coerente com a realidade de vida dos alunos é ferramenta importante para transpor a produção de narrar suas experiências e história de vida em vias rizomática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises investigativas sobre os conteúdos dos trabalhos científicos relacionados às ações pedagógicas e formativas, em que se desdobram na prevenção e cuidado para com a saúde afetiva e emocional dos estudantes na contemporaneidade assinalaram a carência de estudos que explorem essa temática, dentro de uma visão sistemática e dialética no campo da educação, no qual explore essa problemática para além de questões que envolvam apenas os problemas com transtornos e dificuldades de aprendizagem em sala de aula. Desse modo, ampliar debates sobre novas estratégias pedagógicas que produzam efeitos multiplicadores na comunidade escolar torna-se caminho desafiador na contemporaneidade, quando se depara com a vulnerabilidade presente na efetivação e condução de políticas públicas educacionais no Brasil, voltada para os jovens negros marginalizados.

Contudo, a formação de políticas públicas eficazes no combate e prevenção ao desejo e sentimento de morte, dos jovens negros são fios condutores de sustentação de estruturas sociais e culturais que fomenta dispositivos de formação do processo de construção da identidade e subjetividade dos estudantes. Ao mesmo tempo, faz necessário problematizar o desenvolvimento de ações pedagógicas que nasçam da esfera plural e da base particular de cada comunidade escolar, em consonância com práticas pedagógicas que valorize a construção plural e singular dos alunos.

Olhar as narrativas e autobiografia de si como caminho de estratégia pedagógica na luta à vida dos estudantes é construir e ampliar diálogos, na margem, capazes de ressignificar as dores, conflitos e angústias dos alunos. Essa trilha estabelece formação de processos rizomáticos e espiral, no qual todos os sujeitos

envolvidos, nessa experiência empírica produzem dispositivos de formação e ressignificação de suas histórias coletiva e singular. Logo, os estudos analisados assinalaram que os textos, músicas, poemas, oficinas de teatro, escrita de poesias, pinturas artísticas, escrita da história de si e entre outras ações podem ser vistas como trilhas de reexistência e suportes pedagógicos que irão desencadear caminhos de prevenção ao suicídio e a diferentes formas de adoecimentos.

REFERÊNCIA

BARTHES, Roland. *A Morte do Autor*. Texto publicado em: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BERTOLETE, José. M. *Suicídio e sua prevenção*. São Paulo: Unesp. 2012.

BESSA, Marilda Cândido dos Reis. Prevenção ao suicídio entre alunos do ensino médio: uma proposta educacional. Urutai; Goiás. 2021. P. 171. Disponível em: <https://repositorio.ifgoiano.edu.br/handle/prefix/1710> . Acesso em 10/09/2021.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico – Suicídio. Saber, agir e prevenir. v. 48, n. 30. 2018.

BUSSO, G. *La vulnerabilidad social y las políticas sociales a inicios del siglo XXI: una aproximación a sus potencialidades y limitaciones para los países latinoamericanos*. Santiago do Chile: CEPAL/CELADE, 2001.

JUNIOR. H. Slom; FEUERWERKER Laura Camargo M; LAND. Marcelo G. P: Educação em saúde ou projeto terapêutico compartilhado? O cuidado extravasa a dimensão pedagógica. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015202.00512014>. Acesso em: 15/12/2022,

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: educação como prática da liberdade*. São Paulo: Ed. Martins Fontes 2013.

JOSSO, Marie-christine. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: SOUZA, Elizeu c.; ABRAHÃO, Maria Helena M. B. (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006. p. 21-40

JOSSO, M.-C. *Experiências de vida e formação*. 2. ed. São Paulo: Paulus; Natal: EDUFNR, 2010.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LUDKE, Marli E. D. A. ANDRÉ, *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MACHO, Thomas. *Tirar a vida: suicídio na modernidade*. Tradução Carla Bessa. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2021.

MATUOKA, I. Qual o papel das escolas na prevenção ao suicídio? Centro de Referências em Educação Integral, 26 set. 2017. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/repostagens/qual-o-papel-das-escolas-na-prevencao-dosuicidio/>. Acesso em: 27 fev. 2019.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. Temáticas. Arte & Ensaios. nº 32 revista do pgav/eba/ufrj. Trad. Renata Santini. Dezembro de 2016.

PASSEGGI, M. da C. A pesquisa (auto)biográfica em educação: princípios epistemológicos, eixos e direcionamentos da investigação científica. In: VASCONCELOS, M. de F.; ATEM, É. (Org.). *Alteridade: o outro como problema*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2011. p. 13-39.

PEDREIRA, Jailma dos Santos. Reescrita de si: produções de escritoras subalternizadas em contexto de políticas culturais. *Revista Fórum de literatura Brasileira Contemporânea*. (online), UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, ed 13, jun, 2015.

PEREIRA, Áurea da Silva. *Letramentos, empoderamento e aprendizagens*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2018.

REY, Fernando González. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: Os processos de construção da informação*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, (2005).

RÖWER, J. E.; CUNHA, J. L. da; PASSEGGI, M. da C. F. B. S. Por uma Sociologia da Suspensão: da recursividade entre concepções e práticas. *Revista Em Tese*, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 17-45, 2015.

SHNEIDMAN. E. S. The suicide prevention. In.: Corsini. R. (ed.). *Encyclopedia of psychology*. V.3. Nova York: Wiley, 1984.

SOUZA, A. L.S. *Letramentos de reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip hop*. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. v. 1. P.176.

WHO (World Health Organization). Suicide data. In: WHO (World Health Organization). *Mental Health*. 2019. Disponível em:

https://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/suicideprevent/en/. Acesso em: 15 dez. 2021.

